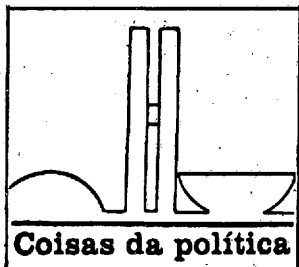


Sarney inaugura seu governo

Ricardo Noblat

SE não era boa, tornou-se no mínimo incômoda, dentro do Governo, a posição do Ministro Francisco Dornelles, da Fazenda. A demissão do Sr Sebastião Marcos Vital foi o mais duro e sério abalo já sofrido pelo ministro que mais tinha o que perder com a morte do Presidente Tancredo Neves — e que, desde então, coleciona seguidas derrotas. As críticas do Ministro Interino da Fazenda à política econômica do Governo irritaram o Presidente da República, que delas só tomou conhecimento na véspera de sua publicação. Até o meio da tarde de ontem, o Sr Sarney contentava-se com a nota que o Sr Vital distribuía, desmentindo que tivesse dito o que, de fato, dissera para perplexidade de uma seleta platéia de 20 banqueiros reunidos em um hotel de Brasília.



Coisas da política

Antes de o sol se pôr, o Presidente decidiu demitir o Ministro Interino da Fazenda e produziu, assim, o primeiro e expressivo gesto de afirmação política que inaugurou, de fato, o seu governo. O próprio Presidente ocupou-se em consultar por telefone alguns dos banqueiros que testemunharam o desabafo do Sr Vital. Convencido de que ele realmente dissera o que fora publicado, e de que mentira na nota ontem divulgada, o Sr Sarney sacou da caneta e o demitiu. Não perguntou ao Sr Dornelles o que achava do gesto — limitou-se, apenas, a informá-lo. O Ministro da Fazenda acatou a decisão do Presidente porque, do contrário, só lhe restava o caminho da rua.

O que disse o Sr Vital aos banqueiros e o documento elaborado por assessores do Sr Dornelles sobre a realidade do País escancaram, de vez, as insolúveis contradições que minam o comando econômico do Governo. Mais que isso: realçam, em definitivo, a oposição que hoje move o Ministério da Fazenda às opções de política econômica adotadas pelo Presidente José Sarney. Passa, assim, a ser uma simples questão de mais ou de menos tempo o previsível desenlace entre o Presidente e o seu Ministro da Fazenda, que tenderá a se encolher. Descarte-se, por inverossímil, que o Sr Vital pense de forma radicalmente diferente do seu ex-chefe imediato. Admita-se, o que é mais razoável, que o Sr Vital tenha agido animado por um temperamento impulsivo que, no Sr Dornelles, é mais brando, ou que ele consegue conter.

Mesmo assim, restará a evidência de que o Ministério da Fazenda pensa uma coisa e de que o Palácio do Planalto pensa outra a respeito da

melhor maneira de tocar o país. O preço de tão flagrante desencontro é pago por todos os que desejam, esperam e dependem de uma condução homogênea, ou pelo menos equilibrada, de uma política econômica de governo por ora inexistente. O Presidente parece ter escolhido o caminho de não delinear, claramente, uma política para o setor, e de continuar oscilando entre a barba bem-aparada do Sr Sayad e a careca, que ontem deve ter perdido mais alguns fios de cabelo, do Sr Dornelles. Aparentemente, segue o Presidente o desalinho dos ternos do seu assessor, Luiz Paulo Rosemberg.

Rejubila-se o Presidente da República por ter empurrado de barriga a renegociação da nossa dívida. Até retomá-la, a dívida não deixará de crescer, os juros continuarão a ser pontualmente pagos, e o problema não se tornará menor. A inflação, todavia, ameaça disparar novamente, amplia-se o déficit público, e as metas esboçadas no início do ano começam, agora, a ser revistas. Ainda em junho, o Sr Dornelles alertou para a inflação de dois dígitos que se aproximava com a chegada do mês de agosto. O Presidente, pouco depois, condenou os pessimistas, confessou seu desprezo por aqueles que enxergam a catástrofe a cada esquina, e lembrou a confiança no país do ex-Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

O Sr Sarney argumenta que reverteu a expectativa de fechar o ano com uma inflação de 400%. Era com esse índice, segundo ele, que as multinacionais e as mais importantes empresas brasileiras trabalhavam no início do seu governo. Alegria-se o Presidente em conseguir manter a inflação mais ou menos na mesma escala da que herdou do General João Figueiredo. Os influentes conselheiros econômicos do Sr Sarney imaginam que só gradativamente, e ao longo dos próximos três anos, a inflação entrará em curva descendente. O gradualismo, no caso, não era a receita do Presidente Tancredo Neves, como não é a do Sr Dornelles. Com a morte do Presidente, o Sr Dornelles ficou órfão de pai. Com a demissão do Sr Vital, amputaram o braço direito do Ministro da Fazenda.

Entregue dentro do Governo ao desamparo e mutilado tantas vezes por não ter visto vingarem suas idéias, o Sr Dornelles reassumirá seu posto não se sabe bem por quê. Ele mesmo, em desabafos amargos nos últimos dois meses, admitiu que não tem muito mais o que fazer no Governo. Sabe que enfrenta, dentro do Palácio do Planalto, um aguerrido batalhão de adversários bem-armados que não perdem a chance de alvejá-lo. Se pedir demissão, até poderá ouvir um candente apelo do Presidente para que permaneça no cargo. Mas se insistir em ir embora, acabará indo. Em favor do Sr Dornelles, diga-se que o seu não é um caso isolado. Há, pelo menos, meia-dúzia de ministros que, se pedirem as contas, elas lhes serão dadas.

Ricardo Noblat é Editor Regional do JORNAL DO BRASIL em Brasília.